

## Velhice e espaço rural: (re) desenhos dos discursos

*Old age and rural areas: (re)design of the speeches*

Adriana de Oliveira Alcântara  
Aline Gadelha de Almeida Duarte  
Maria Helena de Paula Frota

**RESUMO:** Esta pesquisa visa a estudar o cotidiano dos velhos que residem no espaço rural, por meio de pesquisa de campo de tipo etnográfica. Os resultados indicam, não necessariamente, como se supunha, uma padronização de atribuições específicas para homens e mulheres; percebe-se uma não internalização de valores simbólicos advindos do capitalismo que entende o velho como “descartável” e “inútil”, mas, ao contrário, verificou-se um crescente protagonismo deles diante da realidade do envelhecimento.

**Palavras-chave:** Velhice; Espaço Rural; Cotidiano.

**ABSTRACT:** *This research aims to study the daily lives of older residing in rural areas, through ethnographic field research. The results indicate, not necessarily, as was supposed, a standardization of specific tasks for men and women; there is a perceived lack of internalisation of symbolic values arising from capitalism that understands the old as "disposable" and "useless", but rather, there is a growing role of them before the age of reality.*

**Keywords:** *Old Age; Rural Area; Everyday.*

## Introdução

A temática da velhice, algumas vezes, assusta as pessoas, pois carrega a ideia de morte e finitude, própria da atualidade, desvelando-se de forma diferente em épocas e culturas distintas. A busca de um sentido da vida, o cuidado com o eu, e o primado da intimidade tornam-se discussões recorrentes na literatura, de modo a compreender as disposições no lidar com a velhice – a nossa e a dos outros.

Um fator que despertou nossa motivação acerca desta pesquisa foram os escassos estudos acerca da velhice rural. Aliás, trata-se de um tema objeto de duplo preconceito: ser velho e residir no espaço rural nordestino. O descaso generalizado por parte da sociedade contemporânea em relação a este assunto não despertou a devida atenção. “Não tendo um lugar social, também não tinham um lugar teórico”. (Motta, 2003, p. 223)

Afinal, o que é velhice? Simone de Beauvoir (1990, p. 15) a define “(...) como um fenômeno biológico com reflexos profundos na psique do homem, perceptíveis pelas atitudes típicas da idade não mais jovem nem adulta, da idade avançada”. Nesse sentido, a autora atribui a este conceito algo incomum, subjetivo, e que adquire conotações funcionais e relacionais para se fazer coerente.

A velhice é um conceito bem complexo, pois requer análise aprofundada de suas múltiplas dimensões - a biológica, a psicológica, a existencial, a cultural, a econômica, a política - para se chegar a uma conceituação que melhor expresse essa realidade (Costa, 2003). Dessa forma, entender o sujeito que envelhece é pressupor que tais alterações são naturais e gradativas, podendo-se verificar em idade mais precoce ou avançada, e em maior ou menor grau, principalmente, de acordo com o modo de vida de cada um.

A que *velho*, porém, nos reportamos? Os estudos de Peixoto (2003) apontam que alguns documentos oficiais publicados antes dos anos 1960 denominavam as pessoas que possuíam mais de 60 anos simplesmente de *velhas*, já carregando de forma implícita um esquecimento a esta parcela da população. Já no final desta década, o Brasil começou a receber influência da Europa a respeito de uma mudança da imagem da velhice, recuperando a noção de *idoso*, advindo do cenário francês como alguém que merecia ser tratado com respeito.

Na visão dessa estudiosa, as duas conotações, *velho* e *idoso*, passaram a enunciar e demarcar lugares e práticas sociais distintos, chegando a afetar a forma pela qual a sociedade enxergava as pessoas de mais idade. Se “a denominação desses dois estabelecimentos marca uma certa ambivalência, a descrição de suas instalações mostra bem o tratamento diferenciado dispensado às diversas camadas sociais” (Peixoto, 2003, p. 78)

Logo, o termo *velho* passa, então, a assumir uma conotação negativa, pois chegava a designar as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares e que apresentavam traços de declínio.

Em relação à ideia de “terceira idade”, esse conceito chega a ser empregado nas proposições relativas à criação de atividades sociais, culturais e esportivas, designando os “jovens velhos” e aposentados dinâmicos, como a representação francesa denotava (Peixoto, 2003).

Acerca desta nomeação de conceitos direcionados aos velhos, Neri (2003) expõe que, algumas formas de tratamento aparentemente carinhosas como “velhinho”, “tia”, “melhor idade”, “terceira idade”, dentre outros, podem mascarar preconceitos, pois são artifícios semânticos.

Dessa forma, se existe uma necessidade social da criação e substituição de outros vocábulos e expressões para caracterizar as pessoas de mais idade, significa que a sociedade tenta ocultar algum estigma perante esse público. Portanto, essas várias palavras objetivam suavizar essa fase da vida, trazendo a questão do politicamente correto, desconsiderando o real sentido da palavra velho.

Analisando outro contexto do envelhecimento, encontramos amparo em Leite (2004), para considerar que o comportamento coletivo depende da existência de um conjunto de regras estabelecidas socialmente e que toda a atividade humana está sujeita ao hábito. Com base nisso, as regras culturais (que estão a favor do capitalismo) postulam ideias que “transmitem” (por imposição) uma imagem depreciativa dos velhos e que são interiorizadas de forma alienada e distorcida pela sociedade. Portanto, o velho se sente inútil, descartável e inadequado para uma sociedade que valoriza a juventude.

Nesse tocante, citamos algumas ideias de Émile Durkheim (1925), quando ele expressa a moral como elemento central de seu pensamento.

Esse estudioso assinala que a moral é um sistema de regras de ação que predeterminam a conduta, as quais nos dizem como devemos agir.

Deste modo, na óptica de Rodrigues (2008), boa parte dos velhos se encontra submetida a uma ordem social (sistemas de normas que conceituam a imagem depreciativa do velho) esmagadora que o marginaliza, deixando-o à mercê da sociedade.

O advento da industrialização faz nascer no sujeito o mito da juventude eterna, apelo constante dos meios de comunicação, como se o envelhecimento precisasse ser combatido a todo custo pelos inúmeros produtos de beleza que surgem no mercado. As tintas de coloração para os cabelos brancos, as vitaminas fortificantes, os remédios que prometem vigor sexual, as vestimentas que ganham um ar de maior jovialidade, e outros meios, surgem contra ou a favor de um bom envelhecimento.

Considerando todos esses adereços criados por uma necessidade social, resta-nos saber se quando uma pessoa faz uso de uma tinta de coloração capilar não está evitando o processo natural de perda de melanina (se evita o envelhecer) ou se está querendo envelhecer bem, com uma aparência mais saudável. Eis aí uma velhice que é atual e que é (re) constituída diariamente.

Para Ecléa Bosi (1994, p. 19), "ser velho é sobreviver" a uma sociedade capitalista que opera aqueles que nada têm a produzir nos termos do capital. Ela fala ainda que os velhos não realizam sua função social, porque se encontram desarmados e que a destruição dos suportes materiais da memória que a sociedade capitalista se empenha em apagar, esvazia um sentido da existência humana. Logo, os sujeitos envelhecidos,

[...] sem projeto, impedidos de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para um outro (...) (1994, p. 19).

Então, o desmoronamento cultural da velhice como categoria oprimida, despojada e banida da sociedade, privilegia o jovem e o novo. Como salienta Beauvoir (1990), torna-se essencial romper o silêncio opressor que opera na velhice.

O envelhecimento como lócus de acontecimentos diversos denota o modo como os velhos estão recriando padrões de envelhecer nas sociedades capitalistas, sobretudo, quando se tenta delinear as especificidades das áreas urbanas e rurais, onde trabalham e convivem com familiares e amigos.

O papel social das pessoas de mais de 60 anos é específico, variando conforme costumes, leis, cultura, dentre outros.

O velho camponês, dentro da família, passa a ser reconhecido como aquele que transmite conhecimentos da terra e da vida, figura de respeito (Woortmann, & Woortmann, 1999); já nas sociedades ocidentais e urbanas as pessoas de mais idade são havidas como inúteis dentro de seu lar, especialmente quando não recebem o benefício da aposentadoria.

Com suporte no entendimento da existência das formas diversas de “se envelhecer”, é que este trabalho exprime como objetivo conhecer a velhice rural, enfocando, principalmente, a vida cotidiana diante de algumas transformações ocorridas ao longo dos anos, como o êxodo rural e a aposentadoria.

Partindo disso, torna-se necessário compreender como essas mudanças configuram o espaço rural, modificando realidades tradicionais, formas de ser e estar nesse espaço, de modo a instaurar papéis sociais, bem como o convívio entre o velho e o novo, lembrando o que diz Fernandes (2006, p. 238) “(...) como não há ruptura definitiva com o passado, a cada passo este se reapresenta na cena histórica e cobra seu preço (...)”.

Dessa forma, quem é o sujeito que envelhece no âmbito rural? Há novas formas de ser e estar nesse espaço? A que espaço rural nos reportamos; quais são as realidades tradicionais? Também foi de interesse saber se os velhos estão interiorizando os padrões de envelhecimento da atualidade, bem como analisar o desenvolvimento de estereótipos sociais que embotam a autonomia destes sujeitos e compreender a percepção que têm de si mesmos.

### **Aspectos metodológicos**

Inicialmente, foi realizada, na fase exploratória, uma pesquisa bibliográfica com a participação e observação direta dos sujeitos. A etnografia foi escolhida, objetivando a compreensão da vida social, como esta é produzida e reproduzida por esses agentes por meio de uma observação e descrição profunda desse espaço, observando o que acontece, escutando o que é dito e fazendo perguntas. Na verdade, buscamos entender o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que fazem (Flick, 2009).

A pesquisa foi realizada em uma localidade no interior do estado do Ceará, denominada Iracema, desenvolvida ao longo de dez meses, cujo público-alvo foram as pessoas que tivessem 60 anos ou mais, critério etário este adotado pelo Estatuto do Idoso que considera como velhos aqueles com idade maior ou igual a 60 anos. Vale salientar que os sujeitos possuíam idade de 60 a 85 anos. A localidade de Iracema possui 13 famílias em sua totalidade, oito das quais possuem pessoas velhas – sete homens e cinco mulheres. Desse modo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os 13 interlocutores que residiam nesse espaço. No total, foram feitas três visitas domiciliares a cada participante.

A história dos velhos aqui pesquisados foi traçada pela vida em Iracema, enfocando seu dia a dia, suas relações e o espaço rural onde vivem. As histórias de vida só foram compreendidas com base, primordialmente, na história oral, que pode ser considerada como uma metodologia qualitativa voltada a conhecer a realidade dos modos de vida dos velhos de Iracema, com base em dados coletados, no caso, as fontes orais, que foram analisados e interpretados (Campos, Demartini, & Lang, 1998).

O diário de campo e o gravador foram instrumentos valiosos que auxiliaram na transformação do indizível em dizível, pois, como discorre Rojas (1999),

O indizível nos relatos orais é o não explícito das vivências dos indivíduos que vivem num meio social determinado. A transformação do indizível em dizível consiste em pôr em palavras as emoções e ações, próprias ou alheias, vivenciadas por uma pessoa. É passar aquilo que está obscuro para a nitidez da palavra.

A História Oral foi uma metodologia também utilizada como forma complementar principalmente no confronto de opiniões coletadas e que expressavam distintas tendências ideológicas (Jucá, 2003). Com suporte nesse fato, as fontes documentais, os depoimentos coletados e a observação foram elementos norteadores para desmistificar algumas ideias atribuídas por uma cultura ocidental e dominante, e que ampliaram a compreensão da realidade estudada.

Assim, trazemos duas ideias conceituais postuladas por muitos autores, imbricadas por uma noção machista e nordestina, que contradisseram o modo de viver do velho que reside neste espaço rural. A primeira se refere ao fato de o homem se ocupar exclusivamente do espaço público, ao passo que a mulher ficaria na esfera privada.

Em Iracema, de acordo com os relatos e observações, percebemos uma quebra nesse estigma, uma vez que a maioria dos homens não só sabia cozinhar como também realizavam tal prática de forma quase que cotidiana; já as mulheres, em sua maioria, se ocupavam dos afazeres domésticos, mas também “resolviam as coisas na rua” (Diário de campo, 04/12/2014).

A segunda se refere à quebra do estereótipo do velho tido como inútil, encostado e que não trabalha mais; na localidade, foi percebida uma dinâmica na vida dos depoentes, seja com a “lida na roça”, cuidando da casa, cuidando dos bichos, indo à rua fazer pagamentos ou indo a Fortaleza (CE) para passear (Diário de campo, 04/12/2014).

Para resguardar a identidade dos entrevistados, atribuímos nomes fictícios aos interlocutores, obedecendo ao critério de gênero. Destacamos, também, que este estudo se realizou de acordo com o que preconiza a Resolução 446/12, do Conselho Nacional de Saúde, a qual traz disposições e normas a respeito de pesquisas com seres humanos.

Portanto, esta metodologia colaborou no estudo dos velhos que residem no espaço rural, mediante coleta e análise de suas falas, enfocando seu cotidiano, os novos papéis sociais e os estereótipos que contribuem para a constituição da identidade desses sujeitos.

### **Compreendendo a velhice no espaço rural**

Beauvoir (1990) nos fala de um envelhecimento compreendido em sua totalidade, levando em conta também aspectos culturais; Goldfarb (2006) menciona a importância da subjetividade como aspecto preponderante no envelhecimento e na melhoria da qualidade de vida. Portanto, percebemos em Iracema que os sujeitos envelhecem de forma particular, obedecendo a uma rede de normas, costumes e tradições advindos da comunidade, imbricados em um processo formador de suas identidades. No que se refere à imagem de si, os depoentes em foco, em sua maioria, não se sentem velhos, apesar de terem conhecimento da idade deles: “*Dotora, eu não mi sinto velho não... mermo tendo 74 anos nus côro, eu num mi sinto não...ainda dô pros gasto...*” (Carlos, 74 anos).

A velhice como categoria social, segundo Bosi (1994), era entendida como algo maléfico para a sociedade industrial, uma vez que não representaria uma mão de obra eficiente para o mercado.

Quando perguntado aos sujeitos em questão sobre o que é uma pessoa velha, alguns responderam associando ao trabalho, de ser útil para si e para o outro. *“Velho é aquele que não trabalha mais. Essa questão de ser velho é só no nome, modequê eu ainda trabalho... aqui em Iracema num tem velho, não... o velho hoje trabalha mais que os novo...”*. (João, 62 anos).

A importância em se delimitar o que é urbano e o que é rural, atentando para evitar distorções, baseia-se na pretensão de prover um instrumento prático para orientar os planejadores e legisladores na definição de políticas públicas e alocação de recursos, tendo em vista as distintas necessidades do espaço rural (Fossa, & França, 2002)

Estudos de Rua (2006, p. 88) apontam que, no movimento de unificação urbano-rural, embasados por uma lógica capitalista, “surge um ambiente não como um “novo rural”, mas como novas territorialidades, híbridas, mistas de “urbano” e “rural”, em que novas geografias são identificadas”. Ele defende a ideia de “urbanidades no rural”, pleiteando a manutenção de especificidades deste espaço, mesmo quando impactado pela força do urbano:

O capitalismo recria um rural, capaz de, participantes de lógicas complexas, integrar-se, desigualmente, à múltiplas escalas que marcam as interações espaciais do mundo atual. Esse processo de integração afeta, sobremaneira, a (re) construção ou a manutenção da identidade social do agricultor e os rebatimentos territoriais desse processo (Rua, 2006, p. 83).

De fato, o que é rural? Sorokin e Zimmermann (1929) entendem que tal espaço deve ser conceituado de acordo com suas características econômicas, isto é, o rural abriga a produção agropecuária, e todas as demais atividades estão a ela subordinadas de forma secundária. De modo geral, de acordo com os relatos dos interlocutores, o espaço rural é compreendido como aquele ocupado pelo trabalho na agricultura e na criação de gado, marcado por um estilo de vida longe da violência. *“Ditora, eu até gosto daqui, sabe?...morar aqui na zona rural é bom, porque a gente lida com a terra e com os bichos e com as vacas...isso é o rural...é tranquilo, fica longe dos barulhos, dos ladrões...”* (Maria, 65 anos).

Nesse sentido, o rural emerge para os moradores como um lugar marcado por características singulares que lhe conferem uma significação particular.

O rural abriga a relação do homem com a terra, da criação de animais e de relações familiares pautadas em princípios de reciprocidade e solidariedade na divisão de tarefas. O modo de vida dos agentes do espaço rural é traduzido como algo em que eles acompanham, alguma coisa que eles regem, e participam ativamente das tarefas domésticas e da *lida na roça*. A tranquilidade é percebida como algo natural e que já faz parte do cotidiano; os sons advindos dos animais e dos poucos carros que ali passam reforçam esse silêncio ensurdecedor de que eles gostam e que qualquer alteração nesse meio chega a ser sentida como uma inquietude.

Nos últimos 50 anos, de acordo com Delgado e Cardoso Júnior (2004), os processos migratórios alteraram a configuração do espaço rural, especialmente do ponto de vista econômico, em razão do aumento da pobreza e exclusão social no contexto da “modernização” da agricultura. Outro aspecto em que as migrações refletiram, de sobremaneira, no rural, diz respeito às novas configurações familiares.

Os filhos foram para as cidades em busca de melhores condições de vida e deixaram os netos para que os avós *tomassem de conta*. Nesse sentido, os velhos passaram a exercer, por conta das adversidades, *um papel de pais dos netos*, ou seja, passaram a cuidar de forma afetiva e material de seus *netinhos*.

A Constituição de 1988 representou uma conquista para os velhos rurais, pois com ela veio a previdência rural, chegando a inverter o quadro quanto à subsistência das famílias e ao estímulo à produção agrária, favorecendo uma nova imagem aos velhos. Com o surgimento de mais técnicas de produção, o espaço urbano deixou de ser o lugar exclusivo da indústria, e o rural começou a absorver outras atividades, além daquelas de natureza agrícola. Tais medidas modernizadoras no espaço rural, no entanto, não fizeram com que este perdesse suas especificidades (Alcântara, 2010).

Segundo Certeau (1996), o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo o dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo.

Os depoimentos orais sugeriram que a forma como é conduzido o dia a dia é algo inerente a eles, que muitas vezes chegam a se acostumar com o ritmo cadenciado de ações, apenas como algo que é “necessário fazer”.

A impressão de hábitos banais não deve ser entendida como um fluir tranquilo de um dia da semana após o outro, mas como um ritmo produzido no tempo por parte de cada família e pelo qual esta pratica sua singularidade.

*“Todo dia eu faço a mesma coisa...de manhãzinha eu dou de comida dos pinto, dô de comida às galinha e barro o terreiro...nisso, minha fia, o arroz já tá no fogo...eu barro a casa todinha, porque não gosto de casa imunda, não...umas dez hora, nós almoça e depois vou assistir minha nuvela... num gosto nem de passar pano e nem de lavar os prato, não....mas tem que fazer, né?...faço a janta e depois nós dromi.” (Maria, 65 anos).*

Embora os interlocutores reconhecessem a importância de alguns aparatos tecnológicos (telefone, computador, máquina de lavar, dentre outros) que teriam sido herdados do mundo moderno e que facilitavam a sua rotina diária, sete velhos mencionaram que gostavam de residir no rural e cinco relataram que *“só saíam dali mortos”*. Eles justificaram isso, dizendo que *“minha fia adoro esse silêncio, essa calma...”*, *“gosto da rotina de todo dia tirar e beber o leite quente da vaca, coisa que noutra canto num tem”*, *“gosto de plantar todo dia aqui... essa é a minha terra”*. Logo, na visão de Giuliani (1990, p. 65): *“(...) essa mudança impõe uma nova maneira de “habitar”, uma nova maneira de investir, material e simbolicamente, na terra, cria um novo “território social”; a “desterritorialização”, enfim, é também uma “reterritorialização”*.

Dessa forma, embora aceitassem e comprovassem os benefícios advindos do espaço urbano, chegavam a querer conviver no lócus rural com suas características bem preservadas, ideia do neo-ruralismo preconizada (Giuliani, 1990).

No contato com os sujeitos, pudemos apreender alguns hábitos, costumes e características que marcavam aquela forma de viver peculiar. Diante disso, percebemos que os homens, geralmente, trabalhavam na agricultura e as mulheres se detinham aos afazeres domésticos, mas que essa inversão de papéis também ocorria (Diário de campo, 07/07/2014).

Um fato que nos pareceu significativo foi o relato da Sra. Maria (65 anos), ao contar que o marido (João, 70 anos) cozinhava e fazia o almoço todos os dias; ela disse ainda que ele, esporadicamente, trabalhasse na roça por causa do seu problema de saúde.

Para Frota (2004), essa divisão binária entre o feminino e o masculino era fruto de consenso social, como posição dominante, e traduzida como a única possível e que necessitava ser desconstruída, incluindo uma noção de política, bem como uma referência às instituições e à organização social.

João (70 anos) verbalizou a noção de que, quando pequenos, ele e os irmãos aprenderam a cozinhar, observando os pais na cozinha, e que *“isso não fazia dele ser menos homem e pior que as mulheres”*. Portanto, a atitude desta família de criar e preparar os homens para o mundo privado vai de encontro ao que está posto por uma cultura machista e que quase sempre é nordestina. Nesse âmbito, cabem muito bem os pensamentos de Frota (2004) ao mencionar que a categoria gênero se torna eficaz quando socialmente construída e passa a ter uma significação em contextos de relações de poder.

Os discursos e as práticas dos velhos de Iracema tecem vivências e reflexões que tencionam uma ruptura com as bases da sociedade machista, patriarcal e androcêntrica, e, também, as percebemos enredadas pelos limites desta realidade desigual (Frota, 2004).

Para Debert (1999, p. 144),

[...] as diferenças nas formas como homens e mulheres representam o que é a velhice e percebem as mudanças ocorridas no envelhecimento....são elementos fundamentais para entendermos o uso sexualmente diferenciado desses espaços: um público masculino na luta pelos direitos do cidadão e pela redistribuição da riqueza e um público feminino na luta por mudanças culturais amplas que caracterizam os novos movimentos sociais.

Logo, de acordo com os relatos dos depoentes, não existe uma especificidade de gênero na situação da velhice na realidade de Iracema, o que vem a contrapor o pensamento de Debert (1999), isto é, a condição de gênero enseja representações e relações particulares. Abre-se outra realidade, a da existência de variados projetos individuais em que, muitas vezes, são redefinidos os papéis familiares.

As singularidades dessas relações nos despertaram a possibilidade de um olhar diferenciado para Iracema, como um espaço particular, que poderia a vir a romper alguns tabus impostos socialmente. Certeau (1996, p. 57) acredita que a ocupação desses espaços não seja suficiente para explicar a diferença entre os sexos:

Torna-se até inadequada quando, baseando-se em uma psicossociologia ingênua, julga poder afirmar, em nome das suas características formais, a “essência” (masculina ou feminina) dessa porção do espaço urbano ou privado; assim o reto, o direito, o duro seriam as marcas indiscutíveis de espaços masculinos (o falo sacrossanto), ao passo que o macio, o curvo, o sinuoso seriam as características do espaço feminino (o não menos sacrossanto útero da mãe).

Portanto, podemos desmistificar a identidade dos sexos atrelada aos domínios de espaços, dando uma ideia de complementaridade entre estes: “o rígido e o macio, o seco e o úmido, o lógico e o poético” (Certeau, 1996)

Para Leite (2004), a questão de gênero é apontada como fator curioso, pois em seus estudos a mulher não é vista de forma submissa, representando o alicerce e a fortaleza da família. Nos diálogos travados, João reconhecia sua mulher como alguém independente, que conversava com ele sobre os problemas da vida e que a via em condição de igualdade:

*“Esses negócio de homem na roça e mulher na cozinha não combina com Iracema, não... aqui a gente se ajuda e somos iguais... desde pequeno que meus pais ensinaram nós a isso... a gente ia pra serra e era obrigado a cozinhar... aprendemos aí, desde cedo... meu pai cozinava e dizia pra nós que homem tinha que ajudar a mulher em tudo... na cozinha também (João, 70 anos).*

O fato de internalizar os dois papéis (mundo da casa e mundo público) em Iracema fez com que estas mulheres participassem das decisões da família, embora não deixassem de lado seus objetivos femininos; tendo seu espaço conquistado, a família a situa em um cenário de destaque (Leite, 2004).

Ao longo da pesquisa, percebemos que muitos moradores de outras localidades haviam vendido seus lotes de terra junto de um rio que passava por Iracema para os empresários; porém, nenhum residente em Iracema havia vendido seu pedaço de terra.

Dessa forma, os sujeitos haviam feito uma espécie de “contrato”, segundo o qual nenhum deles venderia lotes de terra aos interessados.

Nesse sentido, na acepção de Certeau (1996), entre essas relações, são estabelecidas “regras” de uso social nessa comunidade, em que a ruptura delas se significa *em repressões minúsculas*; ou seja, essa lei reprime o que “não convém”, “o que não se faz”. Portanto, de forma implícita, algum comportamento contrário ao que é “imposto” pode ser banido como sinal de comportamento ilegítimo.

Outro importante fato verificado na comunidade diz respeito a poucos sujeitos se mostrarem dispostos a comentar sobre o assunto da retirada de terra do rio. Pascucci (2011) destaca que o silêncio é fundante porque existe dentro das palavras um sentido, que nem sempre está explícito; que o silêncio é a base de significação e que esse “resto” é o verdadeiro sentido. Ela faz uso das ideias de Orlandi (2007, p. 13):

O silêncio é a respiração (o fôlego) da significação: um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para que permita o movimento do sujeito. O real da linguagem - o discreto, o um - encontra sua contrapartida no silêncio.

Um fenômeno interessante observado nas conversas com os entrevistados diz respeito às fofocas, ou seja, ao disse-que-me-disse. Isso pôde ser evidenciado nos comentários “da vida alheia”, ao motivo da nossa presença na comunidade, enquanto pesquisadores (inicialmente associando ao corte de benefício), nas discussões sobre a política e, em especial, a uma suspeita da comunidade de um velho sofrer de maus-tratos da família.

[...] Se um dia parassem os moinhos da boataria na “aldeia”, a vida perderia muito de seu tempero. O aspecto essencial delas não era simplesmente o interesse que se tinha pelas pessoas, mas o fato de se tratar de um interesse coletivo (Elias, 2000, p.122).

Portanto, as fofocas passaram a assumir importante papel em denunciar uma situação social verificada contra uma pessoa, e não simplesmente em “bisbilhotar a vida do outro”.

Portanto, as novas imagens do envelhecimento e as relações que se estabelecem ao longo desse processo expressam mudanças sociais e passam a redefinir identidades, relações familiares, o próprio curso de vida e a dialética dependência/interdependência entre as gerações (Goldani, 1999).

Nesse sentido, para estudarmos sobre os velhos de Iracema, tornou-se essencial refletir sobre como a velhice se exibia no espaço rural, aprofundando o modo desse sujeito envelhecer com âmbito em suas representações e práticas sociais.

### **Considerações finais**

A proposta deste artigo foi analisar a velhice no espaço rural, com ênfase no cotidiano dos sujeitos, no espaço geográfico de Iracema, localidade esta pertencente ao Município do Paramoti, localizada ao norte do Estado do Ceará.

O universo não homogêneo serviu de base para investigarmos e depararmos múltiplas questões que devem ser merecedoras de atenção, em virtude dessas diversidades dos modos de vida dos interlocutores irem de encontro ao que está posto socialmente.

Os resultados analisados colidiram, sobremaneira, com a recorrente associação entre velhice e inutilidade, da ideia do velho ser alguém incapaz de trabalhar, de “não servir mais para nada”. Na verdade, nem as limitações de saúde são um impedimento para a continuidade no trabalho desses sujeitos, que associam a ideia de valor-trabalho, cuja falta representa sua morte social (Woortmann, 1990). Os interlocutores, por interiorizarem essa imagem de que estão sempre aptos a trabalhar e de ajudar os filhos, ainda que financeiramente, de poderem resolver “suas coisas na rua”, de poderem, ainda, controlar seu dinheiro da aposentadoria, aparecem como pessoas independentes e ativas, o que vai de encontro ao que está socialmente imposto culturalmente.

Nesse sentido, mesmo que a cultura capitalista “esmague” os velhos com seus estereótipos que vinculam a ideia de velhice à inutilidade, ainda que os sujeitos da pesquisa tenham conhecimento desta realidade, os discursos sugerem que eles não interiorizam os padrões negativos de envelhecimento da atualidade. Provas disso são as ações contínuas em seus cotidianos e suas verbalizações, que denotam uma autonomia no gerenciamento de si próprios.

Ao longo da pesquisa, surgiram nuances que revelaram dar um contorno diferente à compreensão do cotidiano dos sujeitos.

A ideia de calar e de fazerem um pacto de “silêncio” em torno de algo que ocorre na comunidade (tirar areia do leito do rio que passava por Iracema), sugeriu a ideia de uma união e solidariedade entre os moradores, chegando a derrubar a barreira do distanciamento e proximidade, ou seja, ainda que não fossem “tão próximos afetivamente”, os interlocutores comungaram da ideia de preservar a natureza e se uniram em prol do bem comum.

Consideramos pertinente, em Iracema, o fato de os homens e mulheres realizarem atividades nos domínios públicos e privados. Os homens foram criados pautados em princípios de que “*a gente foi ensinado desde pequeno a cozinhar e a ajudar nossas esposas em casa*”; portanto, os homens, além de trabalharem na roça, cozinham e ajudam nos afazeres domésticos. Já as mulheres, algumas provenientes de outras localidades, cuidavam da casa, mas também ajudavam seus maridos “*nos negócios da casa*”. Logo, essas relações de gênero podem ser compreendidas como uma elaboração social que define a identidade sexuada de homens e mulheres, que mesmo sendo permeada de poder, utilizam os dois espaços na ruptura das desigualdades (Frota, 2004).

Na visão de Heller (1970), a vida cotidiana tem sempre uma hierarquia espontânea determinada pela época. Nesse sentido, a cotidianidade desses agentes foi se modificando de modo específico em função de diversas transformações, como o êxodo rural, a mecanização da agricultura, os benefícios da aposentadoria, do PBF, do PRONAF, PAA, e da emergência de outras políticas e instrumentos para esse público. Essas mudanças ocasionaram transformações nas formas de ser desses agentes, de estar nesse espaço rural, bem como alterando relações e papéis sociais.

Logo, a apreensão do modo de vida dos interlocutores enfatizou as especificidades do espaço rural, as relações que este estabelecia com o outro e com a terra, os costumes, as tradições, as condições econômicas, dentre outros fatores.

## Referências

- Alcântara, A.de O. (2010). *Da velhice da praça à velhice da roça: revisitando mitos e certezas sobre velhos e famílias na cidade e no rural*. Tese de mestrado. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- Beauvoir, S. de. (1990). *A velhice*. Maria Helena Franco Monteiro, Trad. (2ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo (SP): T.A. Queiroz.
- Campos, M.C.S.de S., Demartini, Z.de B.F., & Lang, A.B.da S.G. (1998). *História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU*. São Paulo (SP): Humanitas.
- Certeau, M.de. (1996). *A invenção do cotidiano: 2. morar e cozinhar*. (4ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Vozes.
- Costa, G.de A. (2003). O processo e o sujeito do envelhecimento. In: Costa, G.de A. *Tríplice visão do envelhecimento: Longevidade, qualidade de vida e aspectos biopsicossociais da velhice*. Minas Gerais (MG): Universidade Federal de Uberlândia.
- Debert, G.G. (1999). *A reinvenção da velhice*. São Paulo (SP): Edusp.
- Delgado, G.C., & Cardoso Junior, J.C. (2004). O idoso e a previdência rural no Brasil: a experiência recente da universalização. In: Camarano, A.A., et al. (Orgs.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60*. Rio de Janeiro (RJ): Ipea. Recuperado em 20 novembro 2014, de: <http://www.ufpe.br/eso/revista9/artigo3.html>.
- Durkheim, E. (1925). *L'éducation morale*. Paris (France): Alcan, Nova ed. PUF.
- Elias, N., & Scotson, J.L. (2000) *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar.
- Fernandes, F. (2006). *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. (5ª ed.). São Paulo (SP): Globo.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (3ª ed.). Porto Alegre (RGS): Artmed.
- Frota, M.H. de P. (2004). Interpretando a categoria gênero de Joan Scott. In: Frota, M.H.P., & Osterne, M.S. (Orgs.). *Família, gênero e geração: temas transversais*, 13-32.
- Fossa, M.das G.R., & França, M.C. (2002). *Uma avaliação dos critérios de classificação da população rural e urbana*. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Minas Gerais (BH).
- Giuliani, G.M. (1990). Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 14, 59-67.
- Goldani, A.M. (1999). Mulheres e envelhecimento: desafios para os novos contratos intergeracionais e de gêneros. In: Camarano, A.A. (Org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*, 75-114. Rio de Janeiro (RJ): IPEA.
- Goldfarb, D.C. (2006). Fragilidade e desamparo. *É*, revista do SESC-SP, 39-41. São Paulo (SP).
- Heller, A. (1970). *O cotidiano e a história*. (4ª ed.). São Paulo (SP): Paz e Terra.

- Jucá, G.N.M. (2003). *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza (CE): Imprensa Universitária.
- Leite, I.L. (2004). *Gênero, família e representação social da velhice*. Londrina (PR), Eduel.
- Motta, A.B.da. (2003). “Chegando pra idade”. In: Barros, M.M.L.de. *Velhice ou Terceira Idade?*, 223-235. (3ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Editora FGV.
- Neri, A.L. (2003). Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos do jornal O Estado de S. Paulo publicados entre 1995 e 2002. In: Von Simson, O.R.M., Neri, A.L., & Cachioni, M. (Orgs.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas (SP): Átomo e Alínea.
- Orlandi, E.P. (2007) *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas (SP): Editora da Unicamp.
- Pascucci, M.V. (2011) *Silêncio, arte e educação transformadora*. São Luís (MA): EDUFMA.
- Peixoto, C. (2003) Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: Barros, M.M.L.de. *Velhice ou Terceira Idade?*, 69-84. (3ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Editora FGV.
- Rodrigues, J.A. (2008). *Émile Durkheim*. In: \_\_\_\_\_ (9ª ed.). São Paulo (SP): Ática.
- Rojas, J.E.A. (1999). O indizível e o dizível na história oral. In: Martineli, M.L. (Org.). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*, 87-94. São Paulo (SP): Veras Editora.
- Rua, J. (2006). Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. *Revista de Geografia Agrária*, 1(1), 82-106. Uberlândia (BH).
- Sorokin, P.A., Zimmerman, C.C., & Galpin, C.J. (1929). Diferenças fundamentais entre o mundo rural e urbano. In: Martins, J.S. *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo (SP): Hucitec.
- Woortmann, K. (1990). Com parente não se neguecia: o campesinato como ordem moral. *Anuário antropológico/87*. Brasília (DF): Editora da UNB.
- Woortmann, E.F., & Woortmann, K. (1999). Velhos camponeses. *Humanidades*, 46, 132-141.

Recebido em 27/04/2015

Aceito em 30/06/2015

---

**Adriana de Oliveira Alcântara** – Professora Doutora da Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FAMETRO).

E-mail: alcantara2002@yahoo.com.br

**Aline Gadelha de Almeida Duarte** - Psicóloga e especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Christus. Mestranda em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

E-mail: alinegadelha79@hotmail.com

**Maria Helena de Paula Frota** - Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

E-mail: helenapfrota@gmail.com